

Sarampo que internou 97 índios está controlado

Parque Nacional do Xingu (Dos enviados especiais) — Com a transferência de mais 11 txucarramãe do Posto Piauru-Uçu, no Parque do Xingu, para o Hospital do Índio, na ilha do Bananal, a situação de toda a tribo, contaminada pelo sarampo, está sob controle. Um total de 97 índios está internado.

A operação de assistência médica foi considerada uma das mais rápidas e eficientes dos últimos 20 anos. Na divisa do Parque com a BR-080, que o cortou em sua faixa Norte, existe um surto de sarampo, há 25 dias grassando entre posseiros.

Estrada

O sertanista Cláudio Vilas Boas, responsável pelo Posto Diauarum, disse que, não fosse a intervenção decisiva do General Ismarth de Araújo, da Funai, o sarampo teria dizimado quase toda a tribo dos txucarramãe, uma das mais significativas — por seus traços culturais — de todo o Xingu.

— A estrada é a responsável pelo sarampo. O vilarejo que surge na divisa do parque, nas margens da estrada, já vende bebidas alcóolicas, e esperar que os vendedores não façam isso é ingenuidade. Os índios, se permanecerem nas imediações, conhecerão estas bebidas — se já não o fizeram — e se exporão a todas as doenças — disse o sertanista.

O diretor do Hospital do Índio na ilha do Bananal, médico José Anérico — que não dorme mais de três horas por noite há duas semanas — garante que o sarampo está controlado e que a ameaça de morte não se estende a um grupo superior a 10 índios.

Bares

A BR-080 (Xavantina—Cachimbo), ao cortar a faixa Norte do Parque do Xingu, expôs todos os grupos indígenas da área a um inevitável contato com posseiros, peões, caçadores de peles, vaqueiros e outros tipos de aventureiros, quase todos despreparados para essa aproximação. No Norte do parque vivem os txucamarrães, os suiás, os jurunas e os caiaiaibis. As duas primeiras tribos pertencem ao grupo linguístico Gê.

No cruzamento da BR-080 com o rio Xingu, na periferia do parque, surgiu um vilarejo, formado por umas 80 pessoas ocupando 11 casas. São peões, empregados de fazendas que estão avançando na área, que compram suas bebidas em três bares, onde há também alimentos enlatados.

O vendeiro Manuel Pinto, 27 anos, goiano, conta que recentemente foi atacado por um grupo de uns 20 txucamarrães, que levaram guaraná, botinas, cigarros, mas, segundo garante, deixaram as bebidas alcóolicas.

— Foi o chefe Raoni quem comandou a operação. Traziam crianças, mas vinham sem as mulheres — diz ele.

Sandoval de Sousa, goiano de 50 anos e dono de outra venda, exhibe nas prateleiras diversas marcas de cachaça e explica que os índios nunca lhe criaram problemas. Tem muita simpatia pelos txucamarrães, dá-lhes presentes, oferece-lhes guaraná. Como os demais, quer apenas "ganhar um dinheirinho com os índios", ajudando-os de vez em quando. Pelo menos é o que dizem.

Marginalização

Os txucamarrães estão hoje divididos em três grupos, conhecidos pelos nomes de seus chefes — Krumari, Raoni e Bebekotri. Quando a estrada obrigou a uma divisão e consequente transferência de posto, o grupo de Krumari se recusou a sair. O de Raoni subiu o Xingu e se fixou no interior do parque, ficando portanto menos vulnerável aos contatos fatais.

Mas os constantes deslocamentos do grupo de Krumari para o vilarejo terminaram expondo os índios ao surto de sarampo. O sertanista Sidnei Possuelo, responsável pelo Posto de Piara-Uçu, que deu o alarme da epidemia e acompanhou o transporte do grupo de Krumari, salvando a tribo, esteve ontem no vilarejo e disse claramente aos posseiros que era contra a presença deles no local.

E prometeu comunicar a irregularidade à Funai. Uma atitude corajosa, porque o lugar está habituado a valentias, perigos e até assassinatos.

O vilarejo é ocupado principalmente por goianos e nordestinos, em sua maioria gente humilde e sem a mínima instrução. Poucas casas, um sol violento, uma terra quase roxa. Chuvas fortes, precedidas de um calor impiedoso, que logo param, dando lugar a um céu claro, sob temperatura abafada. Não há açúcar, nem sal, na maioria das casas, mas mesmo assim a gente do lugar acredita que o número de posseiros vai aumentar.

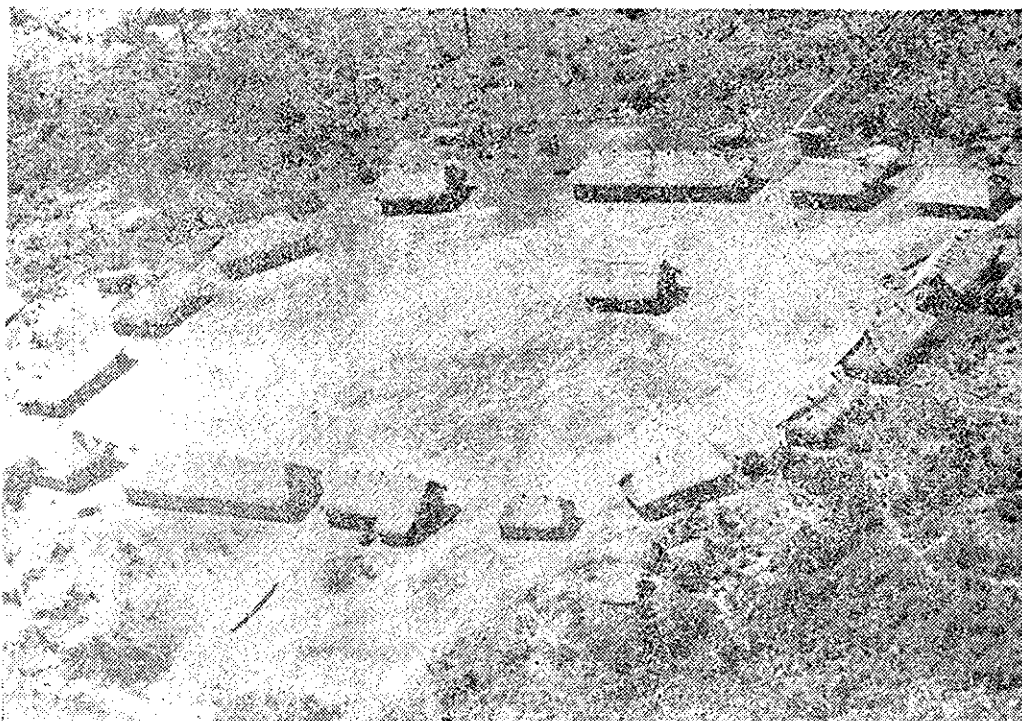
O enfermeiro Rui Alves, por exemplo, chegou à região conduzido por um aliciador de mão-de-obra, que lhe garantiu haver muito trabalho em toda a área. Não era verdade. Há três meses o enfermeiro espera alguém que lhe arranje Cr\$ 20,00 para voltar à Goiânia. Não apareceu ninguém até agora.

Abílio Araújo, casado, duas filhas (uma fugiu com um aventureiro), garante que "quem entra aqui dificilmente sai."

— Pegaram a gente, eu e minha família, além de mais 300 pessoas e disseram que isto aqui era um paraíso para se ganhar dinheiro. Engulimos a isca e aqui estamos sem condições de voltar — diz ele.

Todos trabalham em troca de comida, mas continuam chegando, aliciados por terceiros, a serviço de fazendas que utilizam seus braços por dois a três meses e depois os dispensam. Em certos pontos, a própria área do parque está invadida e se tornou uma verdadeira terra de ninguém, onde os conflitos são resolvidos à baía.

Foi neste quadro que os txucamarrães — até então, junto com os suiás, jurunas e caiaibis, senhores ativos daquelas matas — apanharam o sarampo que agora os prostra na pequena enfermaria do Hospital do Índio, na ilha do Bananal.



A aldeia txucamarrãe, deserta, ficou "condenada pela nova estrada"



Abílio Alves hoje trabalha em troca de comida às margens da BR-080



O vendeiro Manuel Pinto tem diversas marcas de cachaça em seu bar

Diretor da Funai propõe reserva biológica na área

Brasília (Sucursal) — O General Ismarth de Araújo, diretor da Funai, ao confirmar que quatro índios já morreram de sarampo e gripe no Xingu, disse que a solução para a apropriação de terras na região seria a criação de uma reserva biológica no território desmembrado pela Rodovia BR-080.

Os txucamarrães internados na ilha do Bananal, depois de tratados, serão conduzidos ao Posto Diauarum, no interior do Pa que, o que pode trazer outro problema: o grupo não se dá com os índios da mesma tribo que já estão e que aceitaram a transferência, quando a estrada foi aberta.

Solução tardia

Para resolver o impasse, que pode levar a ocorrer um conflito sério entre os txucamarrães de Krumari e Raoni, a Funai, conta com o trabalho do sertanista Cláudio Vilas Boas, que chefiará o Posto Diauarum e tentará conciliar os grupos em litígio.

O General Ismarth de Araújo confirmou que o sarampo e a gripe dos txucamarrães de Krumari foram contraídos através dos contatos com os colônios que se estabelecem às margens da Xavantina—Cachimbo. Só uma demarcação biológica das terras poderá evitar esses contatos no futuro.

O presidente da Funai, General Figueira de Melo, viajou ontem para Genebra, onde integrará a reunião da Cruz Vermelha Internacional que debaterá a assistência às populações indígenas da Amazônia.

Ontem em Brasília, no encerramento do Ciclo de Estudos Antropológicos promovido pelo Conselho Indigenista Missionário, o padre Afonso Passos distribuiu um artigo de sua autoria lembrando as declarações do presidente da Funai sobre a Rodovia BR-080 e o tempo do início da construção. O General Figueira de Melo, segundo o artigo, afirmou em 1970 que "não há inconveniente em que a Estrada BR-080 atravesse o Parque Nacional do Xingu."

CNBB pede estudo de missões

Brasília (Sucursal) — O presidente da CNBB, D. Ivo Lorscheiter, confiou a uma equipe chefiada pelo Padre Antônio Iasi a tarefa de elaborar uma análise das proposições formuladas no último encontro da entidade com as missões religiosas que atuam entre os índios.

A equipe concluirá o trabalho depois de amanhã, e adianta-se que a análise será uma visão crítica do trabalho da Funai. D. Ivo deixou Brasília ontem depois de uma reunião com os membros do Conselho Indigenista Missionário.

As reuniões procuraram encontrar uma fórmula que dinamizasse a ação dos sacerdotes católicos entre as tribos. Os religiosos chegaram à conclusão de que a estrutura atual do Conselho funciona, bastando apenas melhorar a captação de recursos financeiros.

Os vínculos entre o Conselho e a CNBB permanecerão "oficiosos", para que os missionários disponham de maior autonomia, embora reconheçam obediência irrestrita ao organismo que congrega os bispos.